

23.  
O LADRÃO-MESTRE

Certo dia, um casal de velhos estava sentado diante da casa miserável em que moravam, descansando um pouco de seus pesados trabalhos, quando uma magnífica carruagem, puxada por quatro cavalos negros, parou diante da cabana e dela desceu um homem luxuosamente trajado.

O camponês levantou-se e aproximou-se do recém-chegado, respeitosa-mente, perguntando-lhe o que desejava e como poderia servi-lo.

O estranho estendeu a mão ao velho e disse-lhe:

— A única coisa que desejo é, por uma vez, saborear uma comidinha da roça. Cozinhei algumas batatas, como tendes o costume de fazer, e então eu me sentarei à vossa mesa, com a maior satisfação.

— Sem dúvida, sois um conde ou talvez mesmo um duque — disse o camponês. — Os nobres costumam ter essas fantasias. O vosso desejo será satisfeito.

A mulher imediatamente foi para a cozinha e começou a descascar e amassar as batatas cozidas para fazer bolinhos, como se usa entre os camponeses. Enquanto estava entregue a essa tarefa, seu marido disse ao visitante:

— Vinde até o quintal comigo, pois tenho de executar um trabalho lá.

Tinha aberto algumas covas e, agora, ia nelas plantar mudas de árvores.

— Não tens filhos, que poderiam ajudar-te neste trabalho? — perguntou o visitante.

— Não — respondeu o camponês. — Tive um filho, é verdade, mas há muito tempo foi-se embora e nunca mais voltou. Era preguiçoso. Muito inteligente e sabido, mas não aprendeu ofício algum. Não se comportava bem. E acabou abandonando o lar, e nunca mais tivemos notícia dele.

Enquanto conversava, o camponês enfiou uma muda na cova aberta, socou bem a terra em torno dela, depois de ter enfiado também uma estaca, à qual amarrou a muda firmemente, em três lugares: embaixo, no meio e no alto.

— Dize-me uma coisa — falou o viajante. — Por que não prendes também a uma estaca, para que ela fique reta como esta aqui, aquela árvore toda torta que está naquele canto?

O camponês sorriu, ao responder:

— Falais de acordo com o vosso conhecimento. Vê-se logo que não estais acostumados com o cultivo de árvores. Aquela árvore ali é velha, e o pau que nasce torto, tarde ou nunca se endireita. É quando se planta a muda que se tem de cuidar para que a árvore não fique torta.

— Foi o que aconteceu com o vosso filho — observou o estranho. — Se o tivésseis ensinado um ofício enquanto era bem jovem, ele não teria fugido. Agora, já deve ter crescido torto, não há mais meio de consertá-lo.

— Na verdade, há muito que ele se foi embora — disse o velho camponês. — Deve ter mudado muito.

— Serias capaz de reconhecê-lo, se ele aparecesse agora? — quis saber o viajante.

— Acho que o seu rosto deve ter mudado muito — disse o velho. — Mas ele tem no ombro uma pinta, parecida com um bago de feijão.

O estranho, então, tirou o casaco, desceu a camisa e mostrou no ombro uma pinta semelhante a um grão de feijão.

— Meu Deus! exclamou o velho. — És mesmo meu filho! Mas como podes ser meu filho, sendo um homem importante e vivendo com tanta riqueza, tanto luxo? Como conseguiste isso?

— Ah, meu pai! A árvore não foi amarrada a uma estaca quando era nova e cresceu torta. E agora, já está muito velha para se desentortar. Como é que fiquei rico? Virei ladrão, mas não precisas te alarmares. Sou um ladrão-mestre. Para mim, não há trincos ou fechaduras: tudo que desejo é meu. Não penses que furto como um ladrão comum. Tiro apenas uma parte da riqueza supérflua dos afortunados. Os pobres estão a salvo: eu preferiria dar-lhes algo do que tenho do que tirar-lhes algo do pouco que têm. E deixo de lado qualquer coisa de que possa me apoderar sem ter de me valer de esforço, inteligência ou habilidade para obtê-la.

— Ainda assim, meu filho, um ladrão é sempre um ladrão — disse o velho. — Isso vai acabar mal.

Quando a velha camponesa soube que o visitante era o seu filho único, chorou de alegria, mas chorou mais ainda quando ficou sabendo que ele era um ladrão-mestre. Afinal, porém, se consolou:

— Mesmo que tenha se tornado um ladrão, ele é meu filho, e me sinto feliz de ter podido vê-lo de novo — disse.

Sentaram-se à mesa e o filho comeu, em companhia dos pais, a frugal refeição que não provava há tanto tempo. E disse o velho:

— Se o dono destas terras, o conde a quem devemos vassalagem ficar sabendo quem és, quais são as tuas atividades, ele não vai te carregar como carregou ao levar-te à pia batismal, mas vai tratar de pendurar-te a uma corda pelo pescoço.

— Fica tranquilo, meu pai, ele não me fará mal, pois sei como agir — replicou o filho. — Hoje mesmo irei procurá-lo.

De fato, no fim da tarde, o ladrão-mestre entrou em sua carruagem e dirigiu-se ao castelo do senhor feudal. O conde o recebeu cortesmente, pensando que se tratava de um homem importante. Quando, porém, o estranho se deu a reconhecer, o nobre empalideceu e ficou em silêncio algum tempo. Afinal, falou:

— És meu afilhado, e, assim sendo, a misericórdia prevalecerá sobre a justiça. Vou tratar-te com clemência. Como te vanglorias de ser um ladrão-mestre, vou



pôr à prova a tua arte, mas, se falhares, terás de casar com a filha do cordeiro, e o crocitar dos corvos será a música tocada no casamento.

— Senhor Conde — replicou o ladrão-mestre — pense em três coisas que ache as mais difíceis, e se eu não executá-las, faça de mim o que Vossa Excelência entender.

O conde refletiu por algum tempo, depois disse:

— Está bem. Em primeiro lugar, terás de furtar o cavalo que é conservado para mim fora da estrebaria. Em segundo lugar, terás de furtar o lençol de baixo da minha cama, enquanto eu e minha esposa estivermos dormindo, sem que percebamos, e também a aliança de minha mulher. E, em terceiro lugar, terás de levar da igreja o pároco e o sacristão. Lembra-te bem do que estou dizendo, pois a tua vida depende disso.

O ladrão-mestre dirigiu-se à cidade mais próxima, comprou uma roupa igual às usadas pelas camponesas velhas e a vestiu. Depois, escureceu as faces e pintou rugas, de modo que seria impossível reconhecê-lo. Em seguida, encheu um garrafão com um vinho húngaro no qual havia misturado um poderoso soporífero. Colocou o garrafão em um cesto, que levou nas costas e dirigiu-se, devagar, com passos incertos, ao castelo do conde.

Já anoitecera quando lá chegou. Ele se sentou em uma pedra perto da entrada do pátio e começou a tossir, como uma velha asmática, e a esfregar as mãos, como se estivesse sentindo muito frio. Diante da porta da estrabaria, estavam alguns soldados, sentados em torno de uma fogueira. Um deles notou a velha e a chamou:

— Vem, vovó, esquentar-te um pouco, aqui perto de nós. Afinal de contas, não tens uma cama para passar a noite e precisas arranjar uma.

A suposta velha, sempre caminhando com passos incertos, inseguros, aproximou-se dos soldados, pediu-lhes que tirassem o cesto que carregava nas costas, e sentou-se ao lado deles.

— O que trazes aí neste garrafão, minha velha? — perguntou um dos soldados.

— Um vinho muito gostoso — respondeu “ela”. — Vivo de vender essas coisas. Por dinheiro e belas palavras, estou pronta a deixar-te beber um copo.

— Pois vamos a isso! — replicou o soldado.

E, quando bebeu, exclamou logo:

— O vinho é realmente muito bom. Vamos ver outro copo.

Os seus camaradas seguiram-lhe o exemplo.



— Ei, camaradas! — gritou um deles para os soldados que se encontravam dentro da estrebaria. — Está aqui uma moça com um vinho mais velho do que ela própria. Bebei um copo e vereis que não há nada melhor para esquentar o estômago.

A suposta velha levou o garrafão para dentro da estrebaria. Lá, um dos soldados estava montado no cavalo selado, outro segurava a rédea e um terceiro achava-se agarrado à cauda do animal. A “velha” fez com que todos os três bebessem à vontade.

Não passou muito tempo, e a rédea escapou das mãos de um deles, que caiu, ferrado no sono, roncando a toda altura. O soldado que segurava a cauda do cavalo a soltara e, estendido no chão, roncava ainda mais alto do que o outro. O que estava montado no animal, continuava na sela, mas sua cabeça já se achava quase encostada no pescoço do animal, e ele dormia também a sono solto. Os soldados que estavam do lado de fora, já haviam caído no sono antes dos outros, e se encontravam estendidos no chão, parecendo mortos.

Quando o ladrão-mestre constatou que o seu plano dera certo, pôs uma corda na mão do soldado que estivera segurando a rédea, e um molho de palha na mão do soldado que segurara a cauda. O que, porém, deveria fazer com o soldado que estava montado no cavalo? Empurrá-lo de lá, seria perigoso, pois ele poderia acordar e gritar. Teve uma idéia: afrouxou as cilhas, desprendendo a sela, amarrou-a em duas cordas que pendiam de uma argola na parede, e levantou o dorminhoco no ar e amarrou a corda nos postes da manjedoura, bem depressa.

O cavalo foi liberado, mas, se o fizesse pisar no chão calçado de pedra da estrebaria, o ruído de suas patas sem dúvida chamaria a atenção. Assim, envolveu as patas do animal em alguns trapos, e levou-o para fora sem fazer o menor barulho.

Quando amanheceu, o ladrão-mestre galopou para o castelo no cavalo roubado. O conde acabara de levantar-se e estava olhando à janela.

— Bom dia, Sr. Conde! — gritou o aventureiro. — Aqui está o cavalo, que retirei da estrebaria, dentro da mais completa segurança! Vede quão graciosamente os seus soldados estão dormindo lá.



O conde não pôde deixar de rir, mas advertiu:

— Por enquanto, foste bem sucedido, mas não creias que as coisas serão tão fáceis da segunda vez. E, se compareceres perante mim como um ladrão, já sabes a sorte que te espera.

Quando, naquela noite, a condessa foi se deitar, fechou a mão, apertando com toda a força o seu anel.

— Todas as portas estão fechadas e trancadas — disse o conde. — Ficarei acordado, esperando o ladrão, mas, se ele quiser entrar pela janela, eu o matarei.

O ladrão-mestre, porém, protegido pela escuridão noturna caminhou até a forca e retirou de lá um pobre condenado que fora executado e ainda lá estava, pendurado pelo pescoço. Carregou o cadáver nas costas até o castelo, colocou uma escada até a janela do quarto de dormir do conde, pôs o cadáver nos ombros e subiu a escada. Quando subira tanto, que a cabeça do morto apareceu na janela, o conde, que estava acordado,



vigiando, disparou um tiro de pistola, e imediatamente o ladrão-mestre deixou cair o corpo do condenado. E, sem perder tempo, desceu a escada e se escondeu em um canto.

A noite estava suficientemente iluminada pelo luar para que, do lugar onde estava escondido, o mestre visse o conde pular a janela, descer pela escada, levar o cadáver para o jardim e começar a cavar uma cova para enterrá-lo.

“Agora”, pensou o ladrão-mestre “chegou o momento favorável”.

Com muito cuidado, saiu do seu canto, galgou rapidamente a escada e entrou no quarto de dormir.

— Minha querida — disse ele, imitando a voz do conde. — o ladrão está morto, mas, afinal de contas, ele era meu afilhado e mais um infeliz do que um vilão. Não quero condená-lo à vergonha eterna depois de morto. Além disso, tenho muita pena de seus pais. Vou enterrá-lo ao amanhecer, a fim de que o caso não venha a público, mas não quero enterrá-lo como um cão. Dá-me, portanto o lençol, para envolver o cadáver.

A condessa entregou-lhe o lençol, sem hesitar.

— Sabes de uma coisa? — continuou o ladrão. — Tive um acesso de generosidade. Dá-me o teu anel também. Afinal de contas, o pobre coitado arriscou e perdeu a vida por causa dele.

A condessa não podia se opor ao duque e por isso, embora contrariada, satisfez a sua vontade. Mais do que depressa, o ladrão-mestre saiu levando as duas coisas e chegou à sua casa sem novidade, enquanto o conde continuava ocupado em enterrar o enforcado.

É fácil imaginar a cara desapontada do conde, quando, na manhã seguinte, o ladrão-mestre foi entregar-lhe o lençol e o anel.

— És um feiticeiro? — exclamou. — Quem te tirou do túmulo onde eu próprio de enterrei e te fez viver de novo?

— Vossa Excelência não me enterrou, e sim um pobre condenado, que foi deixado na forca depois da execução — respondeu o ladrão.

Contou, então, tudo que acontecera, e o conde teve de admitir que ele era realmente um mestre-ladrão.

— Mas ainda não alcançaste o teu objetivo — advertiu. Ainda tens de executar a terceira tarefa, e, se falhares, tudo o que fizeste até agora terá sido inútil.

O ladrão-mestre limitou-se a sorrir, sem nada replicar.

Quando anoiteceu, ele saiu, carregando nas costas um saco muito grande, um embrulho debaixo do braço e uma lanterna na mão, e dirigiu-se à igreja da aldeia. No saco levava alguns caranguejos e no embrulho velas de cera das pequenas.

Chegando à igreja, sentou-se no adro, junto do cemitério, pegou um caranguejo e pregou uma vela de cera em suas costas, depois acendeu a vela e soltou no chão o caranguejo, que se pôs a rastejar. E o mesmo fez com todos os caranguejos e todas as velas que levava. Em seguida, vestiu uma comprida túnica preta, semelhante ao hábito de um monge, e pôs uma barba postiça. Quando afinal tornara-se de todo irreconhecível, pegou o saco em que guardara os caranguejos, entrou na igreja e subiu ao púlpito.

— Escutai, pecadores! — pôs-se então a gritar, com voz tonitruante. — Aproxima-se o fim do mundo! Aproxima-se o Dia do Juízo Final! Escutai-me! Escutai-me, pecadores! Todo aquele que quiser se salvar, ir para o céu, deverá entrar neste saco. Sou Pedro, que abre e fecha as portas do céu. Vede como os mortos no cemitério estão procurando os seus ossos. Vinde, entrai no saco!

A gritaria foi ouvida em toda a aldeia. O padre e o sacristão, que moravam ao lado da igreja, foram os primeiros que ouviram e correram para lá. Perceberam que algo de anormal estava acontecendo, e entraram no templo. Ouviram o sermão durante algum tempo, depois o sacristão disse baixinho ao pároco:

— Não seria mau se aproveitássemos a oportunidade, antes de amanhecer o último dia, de encontrar um caminho fácil para o céu.

— Para falar a verdade — disse o pároco — estive pensando o mesmo. Se estás disposto, podemos fazer isso.

— Certamente — concordou o sacristão. — Mas o senhor tem a preferência.

Então, o padre foi na frente e subiu os degraus do púlpito seguido pelo sacristão. O falso São Pedro abriu o saco, onde os dois entraram, respeitando a hierarquia eclesiástica, o pároco na frente e o sacristão depois. Mais do que depressa, “São Pedro” amarrou fortemente a abertura do saco, que arrastou pelos degraus do púlpito, naturalmente de maneira supinamente incômoda para os dois pascários, depois através da aldeia e no caminho para o castelo.

— Estamos atravessando as montanhas! — gritou para os dois, quando desciam a escada.

E, quando tinha de passar pelas poças de água ou pelos lamaçais, explicava:

— Agora estamos no meio de nuvens muito úmidas.  
E, quando galgava a escadaria do castelo, gritou entusiasmado:  
— Finalmente estamos quase chegando ao céu!

Terminado o trajeto, empurrou o saco para dentro do pombal. Espantados, os pombos esvoaçaram, e o mestre-ladrão esclareceu:

— Vede como os anjos estão alegres, como batem as asas!  
Isso dito, fechou a porta e retirou-se.

Na manhã seguinte, foi procurar o conde e anunciou-lhe que executara também a terceira tarefa de que fora incumbido, e trouxera o pároco e o sacristão, que aprisionara na igreja.

— Onde estão eles? — perguntou o conde.

— Estão lá em cima, no pombal, presos dentro de um saco.

O conde foi ver com os próprios olhos, e verificou que o ladrão dissera a verdade. E disse-lhe, depois de ter livrado o padre e o sacristão do cativoiro:

— És, realmente um super-ladrão e venceste a aposta. Por enquanto, escapaste com todo o corpo intacto, mas trata de sair de minhas terras o mais depressa possível, pois, se nelas pisares outra vez, vais travar conhecimento com a força.

O super-ladrão despediu-se de seus pais e saiu de novo pelo vasto mundo, e ninguém mais ouviu falar a seu respeito desde então.

